

A MOODY'S E A CRISE

Existem várias agências não governamentais, com tradição secular, que trabalham na classificação e qualificação dos riscos e investimentos.

Entre as grandes podemos citar a Moody's Investor Service e a Standard e Poor's, ambas americanas e a IBCA, de origem britânica. Estas agências monitoram a possibilidade de investimento a curto e a longo prazo atribuindo notas que atestam a pujança ou não das empresas, bancos ou estados, possibilitando assim, como se fosse um termômetro, a medição dos riscos para orientar os investidores.

Utilizam-se de escalas de qualificações que possuem notas que vão de Aaa, Aa1, Aa2, Aa3 a A1, A2 e A3, classificadas como Prime1, que vão em ordem decrescente até Baa1, Baa2, como Prime2 e Baa3, como Prime3, e assim por diante.

Recentemente a grande imprensa noticiou o rebaixamento e a qualificação da dívida externa brasileira juntamente com a classificação de três bancos brasileiros (de C+ para C), sendo eles o Bradesco, Itaú e Unibanco e colocando em observação os Bancos Bozano, Simonsen, Pactual, Icatu, Barclay, Galicia, Cidade e Votorantim, classificados por eles com a nota D+.

Mas a reclassificação para baixo não se restringiu somente a América Latina e especificamente ao Brasil, Venezuela e Colômbia, pois no dia 4 de setembro a mesma agência anunciava que reclassificaria da mesma forma o rebaixamento, a longo prazo, da China e Hong Kong.

Com relação a China especificou que estudaria o rebaixamento do Banco da China, do Banco Agrícola, do Banco da Indústria e do Comércio e do Banco da Construção, todos chineses, juntamente com sete bancos de Hong Kong, entre eles o Hong Kong and Shanghai Banking Corporation (HSBC), o maior do mundo por recursos próprios.

Constatamos assim, contemplando um mapa geo-estratégico da economia, que a bolha da crise financeira que fazia seus estragos na Ásia e na Rússia, agora também alastrou-se para a América Latina e a China, sendo que estas resistem para que suas divisas não caiam.

Estes indicativos começam a ameaçar pela beira a cidadela americana pois os EUA detém mais de 50% de suas inversões na China e alguma coisa como 20% na América Latina, o que, em havendo uma afetação sistêmica, através da queda da taxa de câmbio do real ou do yuan, refletiria-se diretamente na economia americana, já acossada pelas demais quedas.

A Moody's também classifica como ilhas de tranquilidade econômica a 16 países atribuindo-lhes nota Aaa, máxima classificação de solvência bancária. São eles: Alemanha, mesmo que tenha 20% de seus investimentos comprometidos na Rússia e carregue embaixo do braço a Alemanha Oriental com seu desequilíbrio social-econômico; Áustria, Bélgica, EUA, Finlândia, Holanda, Irlanda, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido e Suíça, mesmo que todos juntos na Europa deixem de exportar 13 milhões de toneladas de grãos que eram compradas pelos russos antes da crise; o Japão, mesmo com seus sistemas financeiro e imobiliário em bancarrota; a Itália, com sua alta taxa de endividamento estatal externo e a Espanha, com suas quedas constantes nas bolsas de Madrid e Sevilha, em razão de seus recentes investimentos na América Latina na área de telefonia e bancária.

Analisando-se o quadro com seriedade pode-se concluir que nada é seguro neste mundo sendo que todos os continentes estão contaminados pelo vírus financeiro e que os países que são classificados com as melhores notas, da mesma forma, possuem um comprometimento sistêmico com os demais, demonstrando gabalmente a teoria de que o mundo financeiro globalizado não passa de um castelo de cartas.

Vimos desinflar, nas quedas de outubro e novembro em Nova York e Japão, alguma coisa em torno de dois trilhões de dólares que foram volatilizados da noite para o dia, agora, somando o mês de agosto com o começo de setembro, já foram volatilizados algo em torno de 3 trilhões de dólares.

Conforme acredita François Chenais, economista francês, existia uma bolha equivalente a 10 trilhões de dólares restado conforme seus cálculos ainda 5 trilhões de dólares para serem desinflados da economia financeira fictícia. Para Lyndon LaRouche, economista americano, restariam ainda 35 trilhões de dólares a serem desinflados do sistema o que, em termos comparativos, seria análogamente para o sistema financeiro o que ocorreu ecológicamente com a queda do meteoro que caiu em Yucatã a milhões de anos atrás e extinguiu toda a espécie dos grandes dinossauros do planeta.

O Brasil tinha uma barreira contingencial de 70 bilhões de reservas, já queimou boa parte, pois em agosto perdeu oito bilhões sendo que em setembro tem perdido uma média de um bilhão por dia. Isto em comparação com o movimento financeiro diário de mais ou menos um trilhão e setecentos bilhões de todos os países do mundo, pode ser dimensionado não como uma barreira de sacos de areia, mas de uma micro barreira de saquinhos de leite.

Resta imaginar este grande Armagedon precipitando-se sobre o Brasil ou sobre a China, pois tudo é uma questão de prazo onde a vontade humana é irrisória para modificar o cenário da catástrofe do milênio.

Sérgio Borja

Professor Universitário da UFRGS e PUC/RS

tel/fax: (051) 2 23 26 10

celular: (051) 980 37 06

e-mail: borja@pro.via-rs.com.br

NÃO FOI PUBLICADO EMBORA ENVIADO PARA OS JORNAIS